

**“MARIE ANTOINETTE C’EST MOI”: REFLEXÕES EM TORNO DO
ROMANCE BIOGRÁFICO *MARIA ANTONIETA*, DE STEFAN ZWEIG**

“Busco exílio em mim, me sinto estranho em meu próprio lugar.”

Caio Fernando Abreu

Emanuelle Amaral Almeida Marçal¹

O escritor austríaco-judeu Stefan Zweig foi um dos autores mais lidos e traduzidos de todos os tempos, autor de diversos *best sellers* no mundo todo. Durante o período de 1950 a 1960, era difícil encontrar uma família de classe média que não tivesse uma obra deste autor na estante de casa. Mais conhecido pela polêmica obra *Brasil, país do futuro* (1941), Zweig também escreveu peças teatrais, como *A casa junto ao mar* (1912), *Jeremias* (1917) e *Lenda de uma vida* (1919). Escreveu ainda inúmeros contos, como *Vinte quatro horas na vida de uma mulher* (1935), *Pequenas histórias selecionadas* (1936) e *Lendas de Estocolmo* (1945). Zweig também se dedicou aos ensaios, publicando, por exemplo, *A monotonia do mundo* (1925) e *Encontro com pessoas, livros e cidades* (1937). Mas, com certeza, é mais lembrado pelo público leitor pelas suas polêmicas biografias, que atravessaram épocas e ainda provocam curiosidade, emoção e deleite. Stefan Zweig escreveu interessantes romances biográficos, dentre eles: *Triunfo e Tragédia de Erasmo de Rotterdam* (1934), *Fernão de Magalhães: o homem e sua ação* (1938), *Balzac, romance de uma vida* (1946), *Mary Stuart* (1945), *Freud* (1940) e, finalmente, *Maria Antonieta: retrato de uma mulher comum* (1932), que, aliás, dentro dessa profusão de obras publicadas, é a que nos interessa nessa pesquisa.

Quando se fala em Maria Antonieta, a maioria das pessoas se lembra da excêntrica rainha e de sua anedótica frase dita por ocasião da fome que se alastrava pela França do século XVIII: “Se não têm pão, que comam brioches”.

É provável que ela nunca tenha dito tais palavras, no entanto, a maioria dos historiadores a descreve de fato como uma mulher frívola, caprichosa e alheia ao sofrimento do povo pobre e faminto, enquanto a corte francesa se esfalfava em ricos banquetes regados a bons vinhos. Segundo Évelyne Lever, Maria Antonieta era tida por grande parte da população francesa como

¹ Aluna de graduação do curso de Letras /Português da Universidade Federal de Uberlândia/MG

“uma mulher pérfida e devassa que esbanjava os cofres do reino para seu prazer pessoal e que se aproveitava das fraquezas do rei, traindo-o, como marido, para satisfazer seus instintos lascivos, e como soberano, a fim de servir aos interesses do Império Austríaco”. (LEVER, 2004, p.207).

Maria Antonieta é também conhecida como a única rainha da França que subiu ao patíbulo para ser morta na guilhotina, em 1793, por alta traição ao governo francês. Nas escolas, somos ensinados que a má gestão econômica da corte, os gastos desvairados da rainha, bem como a crescente desigualdade social e econômica, formaram as bases para a Revolução Francesa.

Sob o prisma do cinema, a vida de Maria Antonieta ficou ainda mais popular principalmente depois do interessante filme homônimo da diretora Sofia Coppola, lançado em 2007 no Brasil e ganhador do Oscar de melhor figurino. A narrativa de Coppola desconsidera as partes mais polêmicas da Revolução Francesa, a qual foi impulsionada principalmente pela revolta da população em razão dos gastos monumentais da corte perdulária de Luís XVI. Interessa à cineasta mostrar o luxo e o figurino estonteante de Maria Antonieta, sempre em um ambiente de festas, de música e de muita alegria. De acordo com Gabriela Quintela Soares (2007, p. 22), Coppola não esconde “sua extrema simpatia à figura de Antonieta (como a princesa passou a ser chamada pelos franceses)”. Segundo ainda a pesquisadora:

a relação quase afetiva da realizadora com a personagem que decidiu filmar faz de Maria Antonieta o trabalho mais apaixonado de Sofia Coppola. Em seus trabalhos anteriores, ela não se entregava tanto à protagonista como aqui: Antonieta aparece em quase todas as cenas do longa, e Kirsten Dunst é filmada de modo a parecer sempre belíssima. (SOARES, 2007, p. 22).

Podemos dizer também que, tal qual Sofia Coppola, o escritor Stefan Zweig também não esconde sua simpatia pela personagem. Seu romance *Maria Antonieta* tem como subtítulo “Retrato de uma mulher comum”. Além da simpatia, e de ver Antonieta como uma mulher ingênua, medíocre e inapta para a política, o escritor vai ainda mais longe: ele se identifica com a trágica rainha da França. Alberto Dines comenta, na importante biografia intitulada *Morte no paraíso*, que Zweig, assim que terminou de escrever a história da soberana decapitada, teria enviado o romance para seu amigo Romain Rolland, com a seguinte dedicatória: “Marie-Antoinette c’est moi”, parodiando Gustave Flaubert que, um século antes, diante da fúria provocada pelo seu romance, teria declarado: “Madame Bovary, c’est moi”. (DINES, 2004, p. 195).

Dessa forma, a pergunta-chave, que impulsionou esta pesquisa, é: por qual motivo Stefan Zweig se identificaria tão profundamente com esta personagem histórica a ponto de dizer que criador e criatura se confundiriam numa só pessoa? Sabemos que ambos eram austríacos; ambos estrangeiros e exilados em terras alheias; um morreu no Brasil, a outra na França. Ele nasceu no seio de uma rica família judia, em 1881. Ela nasceu nobre, em 1755, no palácio imperial dos Hofburgs: filha da Imperatriz Maria Tereza, da Áustria, e de Francisco I, do Sacro Império Romano-Germânico.

Para Alberto Dines, Zweig teria vivido também, tal qual Maria Antonieta, os anos complexos e tumultuados que assolam a Europa de tempos em tempos. Se Maria Antonieta sofreu as consequências da Revolução francesa, sendo pivô das convulsões sociais, Zweig conheceu de perto as tormentas do nazifascismo, momento em que Alemanha e Áustria caminhavam para o abismo, e a Europa inteira vivia em sobressalto. “Na busca de símiles, Zweig acha que aquele início dos anos 30 do século XX é a repetição dos anos 80 e 90 do século XVIII.” (DINES, 2004, p.195).

A história que o destino escolheu para o escritor judeu Stefan Zweig lhe deu sensibilidade para perceber isso como ninguém, razão pela qual, durante a vida, assumiu a missão de iluminar personalidades tidas como errantes, protagonistas históricos que se destacaram não por sua honra ou por suas conquistas, mas por sua ruína. Segundo Zweig, o “destino procura de tempos em tempos um herói insignificante para demonstrar que é capaz de impor maior tensão a um enredo frágil, de construir uma grande tragédia a partir de uma alma fraca e apática.” (ZEWEIG, 2013, p.16).

Dez anos antes de vivenciar seu trágico fim, suicidando-se em Petrópolis, Zweig publicou aquela que muitos consideram sua obra-prima: a biografia da rainha decapitada da França, Maria Antonieta. Neste livro, o autor faz mais do que um levantamento de dados e uma pesquisa biográfica, ele se esforçou para capturar o retrato de uma mulher comum que não se limita ao papel da última e mais difamada rainha absolutista da França. Zweig a considerava:

(...) mulher comum, não particularmente esperta, não especificamente insensata, nem fogo, nem gelo, sem especial inclinação para bondade e sem nenhum apego ao mal, a mulher mediana de hoje, ontem e amanhã, sem pendor para o demoníaco, sem ânsia pelo heroico e, talvez por isso, tema pouco adequado a tragédia. (ZWEIG, 2013, p.14).

Zweig sempre se identificou com os perdidos e derrotados, pois desprezava o triunfalismo, e Maria Antonieta era um espelho que refletia a dor do exílio e da morte, visto que ambos foram vilipendiados e humilhados publicamente.

Ao longo de sua trajetória, Zweig foi apelidado carinhosamente por seus amigos de “caçador de almas”, por ter passado a vida em busca de almas gêmeas para nelas se expressar. Maria Antonieta talvez tenha sido sua maior alma gêmea, a rainha decapitada que, assim como ele, passou boa parte da vida como uma estrangeira, recordando a terra natal.

Stefan Zweig, ou o “caçador de almas”, nasceu, como já dito, em novembro de 1881, na cidade de Viena, no seio de uma família judia bastante abastada, durante a extinta monarquia Habsburgo. Viveu na Europa boa parte da vida, até o início da Segunda Guerra Mundial, quando, sendo judeu e perseguido por Hitler, vê-se obrigado a buscar exílio no Brasil. Nesse sentido, Zygmunt Bauman constata que as guerras sempre trazem migração em massa “com o crescente sucesso da xenofobia, do racismo e da variedade chauvinista de nacionalismo; e o sucesso eleitoral, ao mesmo tempo espantoso e inédito, de partidos e movimentos xenofóbicos, racistas e chauvinistas, e de seus belicosos líderes”. (BAUMAN, 2017, p.18).

Desde jovem, Zweig já tinha o trabalho de escrita como um propósito, encontrou-se cedo na literatura e, aos dezesseis anos, já publicava seus poemas conclamando para a paz entre as nações. Por tudo isso, pode-se defini-lo como um pacifista convicto, que sempre lutou por seus ideais, mesmo por meio de pequenos gestos. Colecionador de grandes amigos, como Thomas Mann, Sigmund Freud, Romain Rolland, foi um escritor incansável e, mesmo assim, Zweig nunca se colocou em primeiro lugar ou ao menos se viu como protagonista de sua própria vida: “Nada mais distante de mim do que me colocar em primeiro lugar, salvo como um palestrante que faz uma apresentação com dispositivos; o tempo fornece as imagens, eu me encarrego das palavras.” (ZWEIG, 2014, p.7).

O não reconhecimento de Zweig como autor de sua própria história é absolutamente compreensível, uma vez que ele faz parte de uma geração de escritores que vivenciaram mais eventos do que deveriam: viram o mundo colapsar vezes demais para crerem na humanidade e em um destino individual. Como judeu, Zweig buscava o seu lugar de pertencimento; como austríaco, um estrangeiro em todas as outras nações; como ser humano, um hóspede do mundo. Esse sentimento de desordem e inconstância, de não pertencimento, consome tanto sua alma que ele chega mesmo a escrever nas primeiras páginas de sua autobiografia:

Cada um de nós, mesmo o menor e o mais insignificante, foi revolvido no seu íntimo pelos abalos sísmicos quase ininterruptos de nossa terra europeia; e eu, entre inúmeros tantos, não consigo me atribuir outra primazia senão a de que, como austríaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista, sempre estive justamente nos lugares onde esses abalos foram mais violentos. Três vezes eles destruíram minha casa e minha vida, arrancando-me de tudo o que existiu antes, de todo o passado, e me arremessando com sua veemência dramática para o vazio, para o “não sei para onde ir”, que eu já conhecia. Mas não lamentei, pois é justamente o apátrida que se torna livre em um novo sentido, e só quem não está mais preso a nada pode se dar ao luxo de não ter que levar mais nada em consideração. (ZWEIG, 2014, p.7).

Justamente por tomar, muitas vezes, a posição de coadjuvante da sua própria vida, é que Alberto Dines confere a ele o título de mediador, o qual lhe cabe muito bem. Zweig não é, como muitos creem, uma figura ambígua: ele procura, dentro de um raciocínio justo e de bom senso, dentro de uma crua sensatez, analisar os fatos de sua época da forma mais imparcial possível, ainda que isso lhe cause dor, insatisfação e constrangimento com a posição que ocupa. Uma posição altamente desconfortável: como austríaco, inscrito dentro de uma cultura alemã e, principalmente, como judeu, que lhe exige um esforço sobre-humano para se manter equilibrado entre os conflitos externos que se refletem em suas cobranças internas. Para Dines:

Um mediador, esse seu encanto. Queria entender e, assim, fazia-se entender. Lembra o colibri que se encarrega de polinizar flores distantes, feliz em transferir essências e vencer distâncias. O que explica seu sucesso entre aqueles que querem saber e a má vontade daqueles que pretendem saber tudo. (DINES, 2013, p.19).

Com a anexação da Áustria à Alemanha, Zweig se vê obrigado a refugiar-se em Londres, tendo sido seus livros queimados em praça pública juntamente com outros livros de autores judeus. “Como toda arte produzida por judeus, elas também foram proibidas e rotuladas de doentias e decadentes”. (PEREIRA, 2021, p.52).

Justamente nesse período de grande perseguição ao grupo hebreu, Zweig vem para o Brasil em viagem e é recebido calorosamente, com honras de Estado, por Getúlio Vargas. Zweig apaixonou-se por nosso país ao se deparar com um lugar rico em “contrastes sociais”, como Alberto Dines constata no documentário “Paraíso Utópico”. Após tentativas decepcionantes na América do Norte, angustiado e deprimido com a situação da Europa, Zweig procura seu recanto, um lugar onde não esteja tão envolvido em controvérsias, e o Brasil se torna seu Éden em meio ao caos da xenofobia. Estamos, assim, diante de um “judeu aflito e melancólico, tentando escapar do fascismo e fugindo da Áustria para outras terras, além de testemunhar seus familiares e amigos serem arrastados para a prisão e para o extermínio”, comenta Kenia Pereira (2021, p. 50).

Zweig chega ao Rio de Janeiro em 1941 e, navegando anonimamente, o autor de *Amok* causa um turbilhão de emoções ao atracar no porto na Praça de Mauá. “O repórter do *Correio da Manhã* estranha que o escritor não tenha aspecto de sonhador”. (DINES, 2013, p.27).

Bem recebido pela elite brasileira, com quem faz amizades, impressiona Alzira Vargas, que o ajuda na aproximação com o então presidente, seu pai, Getúlio Vargas. Este ambiente, contudo, não lhe traz grandes conflitos sociopolíticos. Percebe-se que Zweig não tem tempo para se dedicar aos assuntos políticos espinhosos e se exila no país tropical, a fim de se dedicar e de vivenciar seu próprio sucesso, já consagrado, anestesiando assim a sua dor, ainda que, infelizmente, por pouco tempo. Dines descreve alguns momentos da vida cotidiana de Zweig no Brasil:

Na Livraria Guanabara, na elegante rua do Ouvidor, onde estão estabelecidas as mais importantes livrarias e editoras do país, trata de assuntos comerciais com seu editor. Feijoada com cachaça num pequeno restaurante, café pelando (“tão quente que um cão sairia correndo se lhe jogassem em cima”) um charuto para complementar. Alma satisfeita, corpo também, a vida merece ser vivida. (DINES, 2013, p.41).

Embora em um país que lhe oferece a chance de viver a vida de uma maneira mais satisfatória, isso não lhe é suficiente. Sua alma sente o peso de ser um exilado, de estar em uma nação que não entende sua língua, além, claro, do destino de ser judeu, fardo este que lhe é impossível retirar de si mesmo: “*Schver tsu zain a yid*” – (“*Penoso ser judeu*”). (DINES, 2013, p.23).

Para Geovane Melo Júnior, a situação de Zweig era “paradoxal e conflituosa”, já que no exílio, ele podia “pensar, escrever e ler em alemão”, no entanto, “seus livros não puderam mais ser publicados nesta língua. Não podiam mais falar este idioma em outro país ou compartilhar com a política alemã. Todos seus livros, coleções, anotações, tudo foi deixado para trás”. (MELO JÚNIOR, 2019, p.119).

O período de estabilidade e de segurança que ele encontra no país do futuro, paradoxalmente, dá-lhe espaço a maiores inquietações e reflexões agonizantes. No Carnaval de 1942, Zweig, já exausto do enredo que o destino escolheu para ele, e assistindo aos seus ideais humanistas e pacifistas serem derrotados, o escritor suicida-se, estando junto à esposa, na cidade de Petrópolis. O homem de alma cosmopolita é vencido pelo eterno estrangeiro:

Contra a minha vontade eu me tornei testemunha da mais terrível derrota da razão e do mais selvagem triunfo da brutalidade dentro da crônica dos tempos; nunca – eu não registro isso de maneira alguma com orgulho, mas sim com vergonha –

uma geração sofreu tamanho retrocesso moral, vindo de tal altura intelectual como a nossa. (ZWEIG, 2014, p.7).

Um ano antes de sua morte, seu romance *Maria Antonieta*, publicado pela primeira vez pela editora Guanabara em 1941, com 44 capítulos, além de um prólogo e um epílogo, foi um sucesso de público e de crítica. Nessa narrativa, Zweig enfoca primeiramente o ano de 1770, em que Maria Antonieta, com apenas 14 anos de idade, a filha mais nova de Maria Teresa, irá viver seu exílio, em terra estrangeira. Interessante que Zweig desconsidera a infância da pequena Delfina e acentua, com paixão, o desterro de Antonieta. Assim, ela parte da Áustria para a França rumo ao seu destino: unir as dinastias Habsburgo e Bourbon por meio de um laço de sangue, casando-se, portanto, muito jovem, com o herdeiro da coroa francesa, futuro Luís XVI.

Maria Teresa temia que a filha não soubesse se comportar como mandam os regimentos de Versalhes, já que era uma menina dispersa, brincalhona, com pouca ou quase nenhuma paciência para se dedicar aos estudos; mas, de acordo com seu preceptor, abade Vermond, Maria Antonieta era “graciosa e simpática, com um rosto encantador, reúne toda possível elegância em seu porte e, assim esperamos, quando crescer um pouco terá todos os atributos que se podem desejar para a uma tão nobre princesa. Seu caráter e seu temperamento são excelentes.” (ZWEIG, 2013, p.21). A preguiça mental da futura rainha impedia que ela usasse sua inteligência com mais fervor, mas isso não parecia um empecilho para que representasse o papel que lhe foi designado.

Zweig ressalta: “Maria Antonieta é bonita, representativa e possui correção de caráter – é o quanto basta.” (ZWEIG, 2013, p.23). O estranhamento com os hábitos franceses começa a lhe aborrecer. Nunca teve, por exemplo, “a mínima complacência com essa terrível seriedade gravitacional, esse endeusamento do cerimonial de Versalhes, não entende e nem jamais entenderá a extrema importância que as pessoas conferem aqui a um aceno de cabeça, a um andar hierárquico à frente dos outros.” (ZWEIG, 2013, p. 52). Em pouco tempo, já está saudosa de sua terra natal, quer voltar a viver como “uma típica austríaca, quer ficar à vontade, viver à vontade, sem precisar conviver sempre com essa insuportável encenação e afetação.” (ZWEIG, 2013, p. 52).

Maria Antonieta não chega à França em um bom momento político, a monarquia está em crise:

Sua origem remota a guerra da América; a revolta das colônias inglesas, efetivamente, pode ser considerada a principal das causas imediatas os da Revolução Francesa, não só porque, através da invocação dos direitos do homem e do cidadão, ela superexcitou os espíritos, mas também porque Luís XVI, ao apoiá-la, prejudicou suas finanças. Necker sustentou a guerra por meio de empréstimos; após o reestabelecimento da paz em 1783, os aumentos dos impostos não puderam cobrir o déficit, e Calonne continuou apelando aos prestamistas. Em 1786 quando eles começaram a ficar recalcitrantes, teve de convencer o rei de que um reforma fiscal se tornará indispensável. (LEFEBVRE, 2020, p.47).

O cenário é caótico: temos uma França devastada em todos os sentidos, conflitos cada vez mais crescentes entre os Estados, primeiro, segundo e terceiro Estados, carência alimentar, problemas, pois, políticos, econômicos e sociais, que culminaram em uma onda de indignação e de violência extrema. Com a França apoiando a guerra dos Estados Unidos, os cofres públicos esvaziavam-se, pois financiar uma guerra além-mar exigia muito dinheiro dos cofres do governo francês. Agravando a situação, os últimos anos apresentaram péssimas colheitas, levando à grande carência e aumentando a miséria das classes menos favorecidas, além de desentendimentos da própria aristocracia. Os gastos de Versalhes exigiam muito dos cofres do país, o que causava indignação e ódio cada vez maior em uma população majoritariamente miserável. A mãe, a imperatriz Maria Tereza, que já observava a situação crítica do reino, procuravam sempre alertar a filha em suas cartas, mas não era necessário que gastasse muito tempo com isso:

“Não te intrometas na política, não te imiscuas nos assuntos alheios” - repete Maria Teresa desde o início a filha – na verdade, advertência desnecessária, pois para a jovem Maria Antonieta nada além de seu próprio prazer é importante nesse mundo. Todas as coisas que exigem uma reflexão profunda ou um raciocínio sistemático aborrecem de modo indescritível a jovem mulher apaixonada por si mesma. (ZWEIG, 2013, p.59).

Enfim, a única coisa que realmente importava e cabia à jovem herdeira do trono de Versalhes naquele momento era que garantisse a continuidade da linhagem real, dando a seu marido um herdeiro, tarefa que se mostrou mais difícil do que o esperado. Nos primeiros anos de casamento, Luís XVI revela uma fraqueza viril, o que impediu que Maria Antonieta concedesse ao reino aquilo que a corte toda esperava:

Pois esses sete anos de fracassos determinam psicologicamente o caráter do rei e da rainha e contribuem para consequências políticas que, sem o conhecimento desse fato, seriam incompreensíveis: o destino de um casamento une-se aqui aos destinos do mundo. (ZWEIG, 2013, p.41).

Após o falecimento do rei Luís XV, em 1774, Maria Antonieta e Luís XVI são arrastados ao centro político do governo da França como seus novos soberanos. Maria Antonieta continua seguindo os conselhos de sua mãe, evitando envolver-se nas questões políticas do país que agora representa como rainha, fato este que culminará na sua própria ruína. Mantendo esse distanciamento, envolvida com as futilidades da corte, obcecada por festas e por roupas luxuosas, afeita às frivolidades da aristocracia, pouco se interessa pelas questões da crise que envolve o país:

Desde o início, esse foi o erro mais fatal de Maria Antonieta: queria vencer como mulher, não como rainha; seus pequenos triunfos femininos eram-lhe mais valiosos que os grandes e abrangentes triunfos da história; como seu coração era pueril e mimado não soube atribuir contribuído espiritual algum à ideia monárquica. (ZWEIG, 2013, p. 106).

Em 1777, Maria Antonieta é obrigada a deixar um pouco de lado as saudades da Áustria e as festas mundanas. Agora, ela vai voltar suas atenções para a própria família: o marido e a maternidade. Contudo, passados os primeiros meses do primogênito, Antonieta volta aos excessos e à frivolidade da corte de Versalhes. A protagonista, ingênua e imatura, sufocada pelas pressões da corte e por suas exigências, pela crise conjugal e do Estado, refugia-se, ao mesmo tempo, na criação dos filhos e nos excessos de Versalhes. É assim que se firma a figura de uma rainha glamurosa, a rainha do rococó, que dita moda em todo o reino francês:

Nenhuma só vez em praticamente um quinto de século a soberana da França dobrou-se ao desejo de conhecer seu próprio reino, as províncias das quais é rainha, o mar que banha as costas, as montanhas, fortalezas, cidades e catedrais, aquele país vasto e multifacetado. Nem uma só vez roubou uma hora de sua ociosidade para visitar um súdito ou ao menos pensar neles, nem uma única vez pois os pés numa casa burguesa. Todo esse mundo real fora de seu currículo aristocrático não existia factualmente para ela. (ZWEIG, 2013, p.108).

A solidão e a angústia devido a um relacionamento conjugal fracassado levam-na ao caminho dos jogos de azar, das festas intermináveis, do luxo excessivo, desgastando sua imagem perante a crítica dos opositores da monarquia. A vida superficial que a rainha escolhe para si como refúgio dá margem a sua própria destruição. Cria-se a imagem de uma rainha frívola, leviana, incapaz de se compadecer com o sofrimento de seu próprio povo, entregue a todo tipo de vaidade desmedida. Seus gastos dispendiosos tornam-se para o povo o principal motivo da crise econômica de um país.

Escritos por autores desconhecidos, impressos por mãos misteriosas, distribuídos por mãos intangíveis, os folhetos difamadores voam como morcegos através dos portões dos jardins de Versalhes até os boudoirs das damas e aos castelos de província;

entretanto, quando o comissário de polícia tenta apreendê-los, sente-se logo tolhido por forças invisíveis. Por toda parte esgueiram-se os folhetos; a rainha encontra-os à mesa, sob o guardanapo; o rei, sobre suas escrivaninhas, em meio às pastas de documentos. (ZWEIG, 2013, p.170).

As odes à rainha são um instrumento de disseminação do ódio, direcionando a uma pessoa todas as responsabilidades pelas mazelas do país. Um ódio dirigido a um único ponto a ser combatido é mais fácil de ser direcionado e manipulado pelos opositores. O povo francês tinha agora um alvo bem definido, uma figura devassa, estrangeira, “*l’austriechienne*” (em francês “austriaca”, mas devido ao jogo de palavras torna-se “a cadela da Áustria”). Dessa maneira, a história fictícia criada - as mentiras inventadas sobre a rainha - engole a própria História – os fatos reais que ocorriam.

Além das odes dedicadas à rainha nefasta, em 1789, sua figura se desgasta mais ainda com o escândalo do colar envolvendo a condessa de La Motte e o cardeal Rohan e, injustamente, a rainha, nas vésperas da revolução:

De novo e mais uma vez: nessa fraude fantástica do colar de diamantes Maria Antonieta foi tão inocente quanto possível; porém o fato de que semelhante fraude fantástica pôde ter sido tramada em seu nome e tornar-se verossímil foi e continua sendo sua culpa histórica. (ZWEIG, 2013, p.205).

Nesse cenário, o confronto entre o poder real e o povo tornava-se cada vez mais iminente, confronto direcionado pelo terceiro Estado, representado principalmente pelos jacobinos. Com a radicalização da liderança jacobina, Maria Antonieta torna-se o símbolo de tudo que necessitava ser derrubado e destruído na França. Ela encarnou, nesse momento, a imagem da depravação, da indiferença e das futilidades que deveriam ser banidas da nação, imagem essa construída a partir de fatos reais e imaginários. Mas o que importava? O relevante era um alvo que simbolizasse a queda do velho poder opressor e a instituição dos valores libertários. Ao lado de um rei, apagado e inseguro, destacou-se a figura de uma rainha inconsequente, alienada e envolvida em escândalos. Então, em cinco de maio de 1789, a Assembleia é aberta na corte francesa e, em dezenove de junho de 1792, o rei é vetado. Em agosto, a família real é removida para o Templo e tem seu poder suspenso. Maria Antonieta segue rumo ao seu destino, mas “falta-lhe aquela leveza de coração, para sempre perdida”. (ZWEIG, 2013, p.388). O mês de setembro de 1792 é marcado por diversos assassinatos e humilhações aos membros depostos da corte, “apenas em seus quartos isolados conhecem a felicidade e a misericórdia da solidão”. (ZWEIG, 2013, p.389).

Por fim, em janeiro de 1793, o rei Luís XVI é decapitado e, em outubro, tem início o julgamento da rainha. Em doze de outubro, Maria Antonieta é levada ao Conselho para audiência, e, reunindo forças em um esforço absurdo depois de passar semanas em total solidão, após assistir ao marido ser condenado à guilhotina e de ter seus filhos arrancados de seus braços, a rainha é mais uma vez humilhada, hostilizada e acusada injustamente de atos que não cometera. Contudo, Maria Antonieta aprendera muita coisa nos anos que antecederam essa situação, “o perigo ensinou-a a concentrar os pensamentos, a falar bem e, melhor ainda, a calar-se: cada uma de suas respostas é convincente e, ao mesmo tempo, cautelosa e sagaz”. (ZWEIG, 2013, p.446). Stefan Zweig ainda faz uma interessante reflexão:

“Quando enfim te tornarás tu mesma”, escrevera-lhe desesperada a mãe Maria Teresa vinte anos antes. Agora, às portas da morte, por energia própria, Maria Antonieta começa a conquistar a grandeza que lhe fora conferida apenas externamente. (ZWEIG, 2013, p.446).

No entanto, já é tarde para assumir o seu papel, os esforços em salvar-se são inúteis, os defensores do povo, que diziam defendê-lo e lutar pelos valores da revolução, entre os quais destacava-se a liberdade, condenaram-na à guilhotina em 1793, tornando-a, para uns, o símbolo do rompimento com a depravação no governo francês; para outros, uma mártir, vítima da extrema violência e do oportunismo político de novos líderes:

Só quando a revolução a arranca violentamente daquele minúsculo palco rococó, lançando-a em meio à história grande e trágica, reconhece o enorme erro de ter escolhido um papel limitado demais, o de soubrette, o de dama de salão, ao passo que o destino lhe concedera energia e força de ânimo para o papel de heroína. Muito tarde reconhece o erro, contudo, não tarde demais. Pois justamente no instante em que não precisa mais viver o papel de rainha, tendo apenas a morte diante de si, no epílogo trágico daquela comédia pastoral, atinge ela a medida verdadeira. Somente quando o jogo se torna sério e a coroa lhe é tomada, Maria Antonieta torna-se realmente rainha do fundo de seu coração. (ZWEIG, 2013, p.45)

No dia 16 de outubro, Maria Antonieta é direcionada à Praça da Revolução, onde aquela numerosa população se encontra a sua espera, no mesmo lugar em que a saudaram como rainha do império francês alguns anos atrás. Sem o brilho gracioso de menina em seus olhos, mas com o orgulho de mulher pulsando em seu corpo, Maria Antonieta ultrapassa o portal da morte e a estátua da liberdade é erguida. O povo francês a observa em êxtase. “Ela sabe: só mais esta provação! Mais cinco minutos para morrer – e depois a imortalidade”. (ZWEIG, 2013, p.472). A história (ou diferentes histórias) escreveram seu trágico fim: “a deusa da graça e do bom gosto, e depois uma rainha destinada e escolhida para todas as dores”. (ZWEIG, 2013, p.480).

Assim como a imagem de Maria Antonieta, a figura de Zweig se perde entre amor e medo daqueles que estão ao seu redor. Quando Zweig se dedicou à biografia de Maria Antonieta, ele não visava à dissecação da Revolução Francesa, tarefa já conferida a muitos historiadores e escritores. O que o faz voltar os olhos para a infeliz rainha da França é a sua identificação, em alguns pontos, com a trágica história de sua conterrânea, a constatação de seguirem por um mesmo caminho de dor, de humilhação e de exílio. Nesse sentido, Zweig solta gritos abafados pelos seus próprios medos e inseguranças, contra a falácia de determinados homens que utilizam o discurso de igualdade, de fraternidade, de paz e, principalmente, de liberdade para manipular e enganar as massas, levando-as ainda mais ao horror das piores expressões de opressão. Como pacifista que era, não lhe passa despercebida a utilização do discurso da paz para cometer as atitudes mais vis entre as sociedades que, ao entrarem em conflito, nada mais fazem do que lutar pelos interesses desses supostos libertadores, que se revelam ditadores. Logo, por que *“Marie-Antoinette c’est moi”*? O que liga realmente Zweig a Maria Antonieta?

Ambos tragicamente foram reféns de um totalitarismo político que inicialmente se apresentava como libertador do povo, a austríaca perde a cabeça sob as ordens de Robespierre; o outro austríaco tem sua cabeça pedida na bandeja pelo governo nazista. Zweig perde a pátria, a língua, o reconhecimento no seu próprio país, sendo exaltado, no entanto, no exterior onde ele procura refúgio:

Pois o conceito de revolução é por si só bastante amplo: numa escala de transições ininterruptas, oscila do máximo idealismo até a brutalidade efetiva, da grandeza à crueldade, da inteligência a seu oposto, a violência; é como um camaleão e se transforma porque sempre assume a cor das pessoas e as circunstâncias. (ZWEIG, 2013, p.389)

Mesmo assim, ao procurar refúgio na América do Sul, especialmente no Brasil, é criticado e mal compreendido por calar-se perante as atrocidades nazistas, sendo judeu. Porém, como culpá-lo estando exilado em um país que flerta com o próprio nazismo, como acusá-lo de covarde e de indiferente se a sua segurança e de sua mulher dependiam da sua discrição e do silêncio durante o governo Vargas? Isso lhe custa a reputação entre aqueles que não compreenderam a situação delicada em que sua vida se encontrava. O que parece um paradoxo, nada mais é do que uma questão de sobrevivência. O pacifista, que presenciou os horrores da primeira Guerra, pressentia a todo momento o peso de ser judeu com alma alemã.

Assim como Maria Antonieta se refugia no Petit Trianon, para se manter afastada das intrigas e polêmicas da corte, Zweig se refugia nas terras tropicais do Brasil, preservando-se das críticas da corte de intelectuais de sua época. Ambos se refugiam dentro de si mesmos evitando a balbúrdia das acusações que procuravam atingi-los.

Se Zweig se encontra dentro de sua própria fama como escritor, Maria Antonieta procura se firmar nos salões de Versalhes, na observância da etiqueta e da moda francesas. Ela não é mais a menina austríaca que chega à França para cumprir os protocolos políticos entre os dois países. Maria Antonieta, aos poucos, conquista seu lugar e a atenção na corte, onde nenhum investimento pessoal e material foi poupado, e agora se torna a rainha das extravagâncias, dos luxos e dos excessos, é a sua figura glamurosa que dita como falar, como se vestir e se portar na corte. Entretanto, ela se perde na própria construção de si mesma, de maneira às vezes ingênua, às vezes displicente e fútil, ora apenas sendo mulher, expondo-se a duras críticas e escândalos desnecessários e inverídicos. Na ânsia de sobreviver e de ser notada, Maria Antonieta se deixa arrastar pelos acontecimentos de uma das piores e mais violentas fases da História. Assim como Maria Antonieta, o escritor judeu também é vítima da humanidade, que não o compreende. Ambos se perdem na própria fragilidade e são vítimas de um silêncio confundido com indiferença e conivência, e até mesmo comodismo, pelos que os julgaram e os levaram à condenação. Mas acreditar que Zweig se calou seria ingenuidade e falta de perspicácia, uma vez que:

Quase podemos ouvi-lo, tão perto ficou. Os últimos biografados foram selecionados para falar em seu nome, como ventríloquos. Evitava a veemência para não confrontar os leitores, preferia envolvê-los suavemente, convencê-los através de coadjuvantes apropriados. (DINES, 2014, p.5)

Seu empenho em humanizar a rainha não é apenas para satisfazer um desejo pessoal nem se trata de uma jogada comercial. Zweig concede a Maria Antonieta uma nova chance de assumir o seu lugar na história e, por meio dela, o autor austríaco exprime sua revolta com a humanidade, que está sempre à procura de alguém para condenar injustamente por seu próprio fracasso.

Acrescentamos ainda que, além de todos esses fatores que aproximam Zweig de Maria Antonieta, que vão das convulsões sociais à trágica morte, da guilhotina ao suicídio, acreditamos que a chave final para a compreensão da frase “*Marie-Antoinette c’est moi*” seja a dolorosa experiência do exílio. E, como muito bem aponta Juliana Cervo, o “exílio produz marcas não apenas no que tange a um deslocamento espacial, mas também subjetivo. Os corpos

são afetados e passam a encenar um jogo de não pertencimento a nada, nem a ninguém.” (CERVO, 2017, p.14). É assim o que acontece tanto com Maria Antonieta quanto com Zweig. Desde sempre, mesmo em meio ao luxo e às intermináveis festas que sempre acompanharam Maria Antonieta, em seu posto de monarca, ela sentia falta de sua terra natal. Quando chegou à França ainda uma pré-adolescente, sentiu o impacto emocional do exílio. Ela teve de se afastar de tudo que a lembrasse da Áustria. Zweig registra que “a etiqueta exigia, mesmo que sobre seu corpo não restasse fio algum de produção austríaca, nem sapatos, nem meias, nem camisa, nem sequer uma fita. A partir do instante em que se torna Delfina da França, somente tecidos de procedência francesa podem cobri-la.” (ZWEIG, 2013, p. 30).

Curioso é que, também com o escritor Zweig, aconteceu de forma análoga. Ao sair rapidamente da Europa dominada pelos fascistas, Stefan Zweig trouxe pouca coisa para o Brasil. De sua biblioteca de cinco mil volumes de obras clássicas, veio apenas uma meia dúzia de livros. E das centenas de manuscritos raros que compunham o seu acervo particular, o autor de *Jeremias* conseguiu trazer consigo apenas uns três pergaminhos. Assim, tem razão Peter Burke ao comentar que “todo intelectual emigrado, está, sem exceção, mutilado”. (BURKE, 2017, p.21).

Esta talvez seja uma das amarguras dos exilados: saudade de seus objetos pessoais, que compõem suas memórias afetivas. E como bem refletiu Eduard Said, o exílio “é uma fratura incurável entre o ser humano e seu lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial que jamais pode ser curada”. (SAID, 2003, p.46). Zweig registra assim, nos capítulos finais, a extrema solidão de Maria Antonieta, saudosa de sua mãe e de seu irmão. Quando sentiu que perdera influência política, e que o povo da França a odiava, “escreve incontáveis cartas ao irmão Leopoldo”. (ZWEIG, 2013, p. 360). Morre solitária, encarando a temível guilhotina, recordando seus filhos, seu amante e sua família, que já desaparecera politicamente na Áustria. Zweig, por sua vez, passou os últimos meses de vida no Brasil, o país que ele acreditava ser o paraíso na Terra, estando ele mergulhado na inquietude e na tristeza. Sentia dificuldade com o idioma português; também, uma imensa angústia, pois acreditava de forma obsessiva que espiões nazistas iriam matá-lo em Petrópolis. Sentia falta de poder falar e de escrever plenamente em alemão. Dias antes de se suicidar, ainda evocava dolorosamente os parentes e amigos judeus que não conseguiram fugir da Gestapo. O exílio empurrou Zweig para o suicídio. Todavia, Zweig sempre temperou seu pessimismo com esperança. O cosmopolita pacifista, o duplo de Maria Antonieta, o exilado saudoso deixou registrado em *o Mundo que eu vi: minhas memórias* aquilo que consideramos ser uma ode a todos os que foram perseguidos e mortos

injustamente: “Toda sombra é em última análise, filha da luz. E só quem conheceu a claridade e as trevas, a guerra e a paz, a ascensão e a descida, viveu de fato.” (ZWEIG, 2014, p.371).

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BÔAS, G. V.. Os silêncios de Stefan Zweig: considerações de Hannah Arendt e Friederike Zweig. **Cadernos CERU**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 83-98, 2021. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v32i1p83-98. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189275>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.
- BURKE, Peter. **Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000**. Trad. de Renato Prelorenzou. São Paulo: UNESP, 2017.
- Casa Stefan Zweig (org.). **Biografia**. Disponível em: https://casastefanzweig.org/sec_vida.php#. Acesso em: 19 set. 2021.
- CERVO, Juliana Milman. As geografias do exílio: lugares do corpo e da memória no conto de Mário Benedetti. *Jangada*. n. 9, jan/jun, 2017.
- DINES, Alberto. **Morte no paraíso**. São Paulo: Rocco, 2013.
- DINES, Alberto. Stefan Zweig por ele mesmo. Prefácio. In: ZWEIG, Stefan. **Autobiografia: o mundo de ontem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 05.
- LEFEBVRE, Georges. **1789: o surgimento da revolução francesa**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz&Terra, 2020.
- LEMOS, A. F. .; ALMEIDA, J. M. . Maria Antonieta: protagonista histórica de romance literário. **Revista Mosaicum**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2015. DOI: 10.26893/rm.v11i21.186. Disponível em: <https://revistamosaicum.org/index.php/mosaicum/article/view/186>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- LEVER, Évelyne. **Maria Antonieta: a última rainha da França**. Tradução de S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004
- MELO JÚNIOR, Geovane Souza. **Profanar o arquivo: Zweig – A morte em cena, de Sylvio Back**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34195/3/ProfanarArquivoZweig.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- MELO JÚNIOR, Geovane. **Stefan Zweig e Sigmund Freud: trajetória de uma amizade**. Uberlândia, Edibrás, 2019.
- OSÓRIO, M. A modernidade líquida de Zygmunt Bauman em Maria Antonieta. **Interação**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 43–61, 2021. Disponível em: <http://interacao.org/index.php/edicoes/article/view/193>. Acesso em: 21 mar. 2022.

PARÁISO Utópico. Direção de Ricardo Miranda. S.I.: Tv Brasil, 2012. Color. Disponível em: <https://tvbrasil.etc.com.br/especiais-tv-brasil/episodio/paraiso-utopico>. Acesso em: 03 out. 2021.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. A biblioteca dispersa de Stefan Zweig em O mundo que eu vi: minhas memórias. In: MAIA, Claudia; NAGAE, Neide Hissae (org.). **Coleção e Arquivo: memória e tradição**. São Paulo: Fflch, 2021. p. 50-59.

SAID, Eduard. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. de Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 2003.

SINDERSKI BIGATON, J.; MOREIRA, D. **Ode à rainha nefasta: um poema à rainha Maria Antonieta**. Non Plus, [S. l.], n. 9, p. 146-161, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-3976.v0i9p146-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/110550>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SOARES, Gabriela Quintela. Cinema e história uma investigação do filme Maria Antonieta de Sofia Coppola. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30202>. Acesso em: 19 dez. 2021.

ZWEIG, Stefan. **Autobiografia: o mundo de ontem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Tradução de Kristina Michahelles e prefácio de Alberto Dines.

ZWEIG, Stefan. **Maria Antonieta: retrato de uma mulher comum**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Tradução de Irene Aron.

ZWEIG, Stefan. **Revolta contra a lentidão: Um ensaio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZWEIG, Stefan. **O mundo que eu vi: minhas memórias**. Trad. de Oldilon Gallotti. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.